

“Não posso escrever a história porque penso em quadrinhos”

Adriana Hoffmann Fernandes*

Trago nesse artigo uma reflexão sobre a preferência que algumas crianças demonstram por narrar histórias no formato das Histórias em Quadrinhos com base, em parte, dos resultados de minha tese de doutorado, recém defendida. As crianças presentes nos depoimentos abaixo têm em média sete anos de idade e são freqüentadoras de uma escola pública e de uma particular do município de Petrópolis/RJ. As falas e os quadrinhos aqui apresentados emergiram das oficinas de produção de narrativas, um dos procedimentos da pesquisa de campo.

PESQ: De que outro jeito vocês querem fazer história? É só falar que eu trago material...

LEONARDO: Tia, eu quero fazer assim... sem escrever, só desenhar e depois a gente interpreta mas sem escrever...

PESQ: Como é que é o nome dessa história, você sabe?

GUILHERME: A história sem nome! (risos)

PESQ: História sem escrever, só com desenho? Mas, nesse desenho, as pessoas conversam ou não conversam?

NARLEY: Conversam...

PESQ: Então vai ter que ter alguma coisa escrita... ou não?

RENAN: Faz assim um balãozinho escrito e coloca o que ele está falando...

PESQ: Qual é o nome desse tipo de história?

RENAN: *História em quadrinho!*

(Escola pública)

PESQ: O que você está pensando em fazer aqui?

JULIA: Desenho em quadrinho...

PESQ: Desenho em quadrinho? Porque você pensou em fazer em quadrinho?

JULIA: Porque eu gosto de fazer em quadrinho...

OUTRO: Eu também *queria fazer em quadrinho...*

PESQ: Porque vocês escolheram o quadrinho?

ILANA: Porque fica mais fácil...

PESQ: Quadrinho é mais fácil de fazer?

ILANA: É...

PESQ: Mais fácil do que? Mais fácil do que escrita?

JULIA: Escrita é mais chato!

(Escola particular)

Nos muitos depoimentos que os limites desse texto não permitem trazer, ficou claro que produzir narrativas na forma escrita não suscitava, de forma geral, o interesse das crianças. Os motivos eram muitos: escrever é chato, demora, erra-se muito, tem que ter letra boa... Uma série de formalidades e aprendizagens das quais elas parecem querer fugir sempre que podem. Como interpretar essa preferência das crianças por usar a imagem como mediação para suas narrativas? Além do desprazer com a escrita, fato que as identifica com as crianças de gerações precedentes, ressalta - do que mostram e dizem - uma certa "inabilidade" para colocar no papel o mosaico de experiências com histórias que advém de seu contato freqüente com as mídias. Como colocar no papel o movimento das narrativas presentes nas histórias em quadrinhos, nos desenhos animados, nos videogames? Tendo em vista a excelência das escolas em que a pesquisa foi realizada e o bom desempenho escolar das crianças, não parece demais interpretar que a preferência por "narrar em quadrinhos" pode estar ligada a distância entre a maneira de se

expressarem, identificada com o movimento das imagens e com a contração do tempo, e a expressão seqüencial e linear da cultura escrita. Para Martín-Barbero, os meios de comunicação rompem com a hegemonia da escrita que ainda existe de maneira determinante na escola. Isso traz um desafio imenso para a formação de nossas crianças. Não se trata de afirmar que a escola pode prescindir da escrita, já que “os livros nos ajudam a orientar-nos no mundo das imagens e a presença de imagens nos faz ter necessidade de ler livros” (Barbero, 2002), mas trata-se de entender que, cada vez mais, a escola precisa – além de exercer seu importante papel no ensino da cultura letrada - aprender o idioma das imagens vivenciado pelas novas gerações para que possa dialogar com elas fazendo a ponte entre livros e imagens. Para tanto, seria necessário que as políticas de formação entendessem que os professores, tanto quanto as crianças, são sujeitos sociais, culturais e históricos com direito a inserir-se, da mesma forma que seus alunos, nos complexos processos de mudança que os meios de comunicação impõem às diversas instâncias da vida contemporânea.

Referência bibliográfica:

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 2002.

sobre o(a) autor(a):

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ; Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis.

